Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE043664

FARJALLAT, Célia Siqueira. Sesquicentenário dos Cursos Jurídicos. Correio Popular, Campinas, 10 ago., 1977.

Sesquicentenário dos Cursos Jurídicos

10

8

Correio Popular

C. Siqueira FARJALLAT

77

O *Sesquicentenário dos Cursos Jurídicos no Brasil* será celebrado amanhã, dia 11 de agosto, com grandes festividades, em todas as Faculdades de Direito do país.

Mas, as primeiras, surgidas exatamente em 1827, são as Faculdades de Direito de Olinda, depois transferida para Recife, e a Faculdade de Direito de São Paulo ou do Largo de São Francisco, as quais tiveram profunda influência na vida cultural, política e social de toda a nação brasileira.

A Academia de Direito de S. Paulo, orgulho da gente de Piratininga, tem sido, ao longo dos anos — conforme palavras do Dr. L. de A. Nogueira Porto — núcleo de fermentação cultural, de criação literária e de inquietação política. E não foi apenas São Paulo a lhe sentir o impacto: a sua presença irradiava sobre o país o espírito da juventude, procedente de todos os quadrantes do Império, congregada ali como as células constitutivas de um poderoso órgão, um cérebro e coração, cujas pulsações se faziam sentir até os mais remotos capilares do vasto Brasil.

Muitas obras têm reconstituído cada passo da vida gloriosa da Academia do Largo de São Francisco, evocando desde os primeiros tempos, quando São Paulo era ainda pequena e acanhada cidade até o momento atual. E quem quiser aprofundar-se no tema, não poderá dispensar a leitura de "Tradições e Reminiscências" de José Luís de Almeida Nogueira; "Memórias para a História da Academia de São Paulo", de Spencer Vampré; o monumental "Das Arcadas ao Bacharelismo" de Alberto Venâncio Filho, e os veneráveis e básicos escritos de Clovis Bevilacqua e os "Problemas do Ensino Superior" de Almeida Jr.

Quem estudar, ao longo dos anos, o desenrolar da própria História de São Paulo, há de deparar, em todas as suas páginas, com a presença de sua Academia de Direito, surgida, como dissemos, quando o burgo de Anchieta era modesto, não possuindo mais de dez mil habitantes, e reconhecido (bons tempos!) como "cidade onde a barateza de todas as precisões da vida era notável", ocupando ainda apenas a colina do Triângulo e arredores mais próximos. Em torno, esparramavam-se chácaras, cortadas por caminhos precários; e havia as pontes modestas do Anhangabaú e Tamanduateí. Não se sonhava com luz elétrica, é claro. Mas lampiões a azeite de peixe, suspensos de postes ou chumbados nas casas, alumiavam as ruas.

O Convento dos Frades de São Francisco terminava aos fundos em alto barranco sobre o Vale de Anhangabaú, e havia um pátio modesto na frente da Igreja. O casarão dos Franciscanos, construído entre 1640 e 44, foi demolido em 1933. E solenes Atas registram até o que se exigia para ingresso no Curso Jurídico: exames de Latim, Retórica, Filosofia, Francês e Geometria.

A Academia de Direito cresceu com a cidade, vibrou com seus problemas, alegrou com o juvenil entusiasmo de seus estudantes a pataíez do burgo. Surgiram por sua influência as "repúblicas", os trotes, as figuras características dos acadêmicos dos primeiros tempos com seus longos cabelos, barbas românticas, e vestes características: sobrecasaca cintada, colorida, colete e gravata, calças de boca de sino. Em suas "Tradições e Reminiscências", o Dr. J. L. de Almeida Nogueira (1851-1914) documenta esplendidamente a Academia, naqueles tempos, o pitoresco dos costumes, a sociedade do tempo e o estouvamento da vida estudantil.

A Faculdade do Largo de S. Francisco foi sementeira de idéias, centro irradiador do pensamento humanístico, e na primeira fase, conservadora e rígida nos moldes, contra o que se insurgiram os espíritos mais brilhantes do tempo. Almeida Jr. assinalou que o Curso Jurídico de São Paulo nasceu sob o signo do liberalismo e sempre se ligou aos anseios de liberdade. Desde as circunstâncias que lhe inspiraram a criação até o momento atual, a Academia das Arcadas identificou-se com as idéias de liberdade, demonstrou civismo, sofreu sob as ditaduras, lutou pela Constitucionalização do país e jamais aderiu a qualquer tentativa de sufocação da dignidade humana, conforme disse D. A. Dallari, "pois a mística das Arcadas é a própria mística da Liberdade".

Nascida e criada sob o signo da Literatura teve, como alunos e mestres, literatos de grande valor, poetas, e prosadores que fizeram nome, produziram livros que perduram. Alvares de Azevedo, José de Alencar, Raul Pompéia, Alcântara Machado, Menotti del Picchia, Castro Alves, Fagundes Varella, Vicente de Carvalho, Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa, Oswald de Andrade, Paulo Eiró, Guilherme de Almeida, Lígia Fagundes Teles, e muitíssimos mais honraram as Letras pátrias e foram acadêmico do Largo de São Francisco.

Homenageando a velha Faculdade, notáveis poetas dedicaram-lhe poemas, como Afrânio Zucolotto, H. Dutra, Domingos Carvalho da Silva e Paulo Bonfim. Deste último é o poema "Creio em Ti, é Faculdade", que se inicia assim:

Creio em ti, ó Faculdade, / Meu amor de juventude /, Meu sonho de liberdade / Creio na terra que que piso / Nas auroras deste pátio / No passado tão presente / Nas arcadas de triunfo / Nas paredes que são gritos / Nos silêncios que são vozes / Dos mortos que não morreram..."